



Fraternidade Leigos Cavanis
Casa do Sagrado Coração, INSTITUTO CAVANIS
Via Col Draga – POSSAGNO (TV)

MONASTÉRIO INVISÍVEL – 02.03.2024

Caríssimos amigos!

Como acontece com todos os caminhos, também para o quaresmal se traça um itinerário simbólico que envolve alguns espaços significativos a percorrer, ou alcançar, para que o caminho misterioso que a liturgia nos faz empreender possa realmente transformar a nossa vida. De certo modo, o itinerário quaresmal obedece a uma espécie de geografia espiritual: é marcado por alguns lugares cujo valor envolve profundamente a nossa vida, situando-a precisamente no espaço do Espírito. De fato, começamos o caminho colocando-nos com Jesus no deserto, lugar da solidão e da verdade, onde os nossos desejos mais profundos são postos à prova e são purificados para que se transformem em desejos do Espírito. A passagem pelo deserto é necessária para chegar a outro lugar, a cidade simbólica de Jerusalém, lugar do cumprimento da promessa. Mas entre o deserto e Jerusalém há ainda um outro lugar que nos é dado como escala, onde, ao mesmo tempo, vivemos um momento de descanso e encontramos forças para retomar o caminho. Este lugar é a montanha: um lugar isolado e elevado, onde se tem a graça de chegar; com um só olhar, àquele destino que só pode ser alcançado com dificuldade, passo a passo, no final da viagem. É o monte da transfiguração onde se antecipa a alegria da luz pascal. Gosto de pensar na experiência da nossa Fraternidade como um momento em que podemos captar na sua beleza, a luz do carisma, o encanto da grande aventura espiritual de Pe. Marcos e de Pe. Antônio Cavanis, a emocionante e evocativa missão de educar. Contudo, também nós não podemos ficar muito tempo na montanha para contemplar; também nós, como Pedro, Tiago e João, somos convidados a descer ao vale e prosseguir entre as dificuldades e questões críticas de cada dia, mas não sozinhos! Marcos, na história da Transfiguração, ilustra no final do episódio: “olhando em volta, não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus com eles” (9,8). Jesus ainda está conosco; ele nos conduziu ao monte e nos faz descer; continuando a caminhar conosco, para nos guiar até aquela meta que é também sua.

Do Evangelho segundo Marcos (9, 2-10)

Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e os levou sozinhos a um lugar à parte sobre uma alta montanha. E transfigurou-se diante deles. Suas roupas ficaram brilhantes e tão brancas como nenhuma lavadeira sobre a terra poderia alvejar. Apareceram-lhe Elias e Moisés, e estavam conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: “Mestre, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”. Pedro não sabia o que dizer, pois estavam todos com muito medo. Então desceu uma nuvem e os encobriu com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu Filho amado. Escutai o que ele diz!” E, de repente, olhando em volta, não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus com eles. Ao descerem da montanha, Jesus ordenou que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. Eles observaram essa ordem, mas comentavam entre si o que queria dizer “ressuscitar dos mortos”.

P. Diego Spadotto, Padre Marcos Cavanis ensina como acolher, cuidar e orientar os jovens, 15.02.2024, em www.cavanis.org:

Na mudança de época que vivemos, é cada vez mais difícil para os jovens sentirem-se acolhidos, cuidados e sobretudo orientados por nós, religiosos. Dizem francamente que não encontram motivos para participar e permanecer em nossos obras e atividades, para serem acompanhados e orientados.

“Orientar para a bela pátria do céu” é a terceira tarefa da missão educativa. O “céu” representa o ponto de chegada da jornada da vida, a plenitude da realização e da felicidade. Para chegar lá há muitas estradas e muitos caminhos traiçoeiros para escolher e seguir. (...)

O trabalho de orientação é sem dúvida um trabalho social que treina à relacionalidade, ao respeito pelo outro, à cooperação para um objetivo comum, à responsabilidade, ao sentido do dever, ao valor do sacrifício pelo bem comum, aqui e agora. Os jovens que crescem incapazes de uma visão comum, que consideram os seus próprios desejos como valores absolutos, tornam-se incapazes de enfrentar o caminho da vida visando um ponto final, mas também um “céu” aqui e agora.

O céu distante não é uma conquista, mas sim um dom, o céu aqui e agora é o resultado de uma obra sinfônica. Os jovens têm de lidar com um contexto marcado pelo subjetivismo ético e pelo materialismo prático, por redes sociais invasivas que ocupam cada vez mais o seu imaginário, colonizando os seus desejos. E não se trata de acreditar em utopias inatingíveis, mas de acolher a vida como um compromisso que nos torna responsáveis por nós mesmos e, portanto, pelo futuro. (...)

Os jovens nos consideram guias petulantes e presunçosos que se fazem passar por especialistas ignorantes e autorreferenciais. Não somos humildes “buscadores do sentido da existência”. Pe. Marcos era querido pelos jovens pela sua humildade, pelo seu bom humor, pela sua fina ironia, pela sua coragem. (...)

